UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA LINGUAGEM DOS REMANESCENTES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE KALUNGA DE VÃO DAS ALMAS.

JOAREZ PAULINO VIEIRA
08/69392

Trabalho apresentado como parte das exigências da disciplina Diversificadas 7 da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília como para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Alto Paraíso – GO/Maio de 2012

2.3. - ANALISE DOS DADOS

Abaixo, encontra-se um resumo de cada história retirada do livro Kalunga Histórias e Adivinhações, e logo após cada resenha, analisa-se pequenos trechos das histórias na fala da senhora Yáyá como P1, Paulo e Rosivaldo como P2 , ambos em sua especificada fala.

O HOMEM ESPERTO. A história narra o caso de um homem que adquiriu mercadorias de vários vendedores, enganou a todos e conseguiu que os mesmos se destruíssem ficando com as mercadorias sem pagar e livre dos cobradores indesejáveis.
Os comerciantes, animais e insetos dotados da fala, dialogaram com o Homem Esperto. A história apresenta, ainda, costumes praticados pela comunidade.

P1 - "O home foi comprô trem na mão da barata..." (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 10).
P2 - "O homem foi compra trem na mão da barata..." (Rosa, Rosivaldo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011).

Em P1, a palavra o "home", demonstra uma tendência do mínimo esforço, perdendo o sinal de nalização do "m", simplificando a palavra, onde o indivíduo fala de modo mais fácil, demonstra uma evolução fonética que houve na língua, nos verbos "foi" e "comprô", enfatizando ambos uma idéia de pretérito imperfeito por P1.
Já em P2, palavra "homem", sofre as alterações gramaticais de acordo com a grafia correta, retorno da letra m, demonstra-se em P2 que já não se fala e nem escreve esta mesma palavra em relação a P1, porém ele usa "foi compra", perdendo, simplificando o final no infinitivo perdendo o "r" de comprar, colocando a idéia temporal somente no verbo "foi", dando o sentido do pretérito perfeito somente neste verbo auxiliar, apresenta-se em P2 a presença da gramática.

P1 - “A barata sentô, o home feiz um cigarro, deu a barata, a barata pito...” (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 12).

P2 – “A barata sentou, o homem fez um cigarro, deu a barata. A barata pitou....” (Rosa, Rosivaldo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011)

P1, a palavra “sento”, simplifica o ditongo, havendo uma tendência fonética, “home” está simplificado,” feiz” vocaliza, sendo colocado uma semivogal (i), entre a vogal (e) e a consoante (z).

P2, a frase é mantida na forma gramatical, deixa se a evolução fonética, “sentou” em vez de “sentô”, “fez” em “feiz”, tendo na escrita e na fala a presença da gramática em P2, mantendo o texto uma linguagem normal.

Bagno (2007, p.164) que afirma: “toda língua muda com o tempo. [...] enquanto tiver gente falando uma língua ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente”.

P1 - “- Amigo galo? É! Oia, eu mais esse home não une.

- Uai, oceis nu une não?” (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 12).

P2 - “- Amigo galo? Olha eu mais esse homem não une.

- Uai, vocês não une não?” (Rosa, Rosivaldo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011).

Em P1, verificando a palavra “oia”, observa-se que ocorre uma vocalização, sendo uma tendência da língua fonética, e neste caso é realizado uma simplificação juntando as duas palavras, ou melhor dizendo, como se escrevesse as duas palavras juntas, surgindo assim a palavra “nuune”, vendo que a parte do vocabulário não une falta sintonia, simpatia, demonstrando dessa forma um conceito bem particular da população local; “home” a simplificação. A palavra “uai” é uma linguagem sociolingüística do estado de Minas Gerais, que neste caso demonstra um ato de surpresa; “oceis” perde a consoante inicial, que por sua vez não é uma tendência da lei fonética, pois em vez de perder a lei fonética tende a mantê-la, demonstra-se uma evolução fonética depois da escravidão.

P2 manteve a sociolinguística, fazendo – se uso do vocábulo “uai”, que geralmente ver - se na linguagem mineira; vocês demonstra a linguagem culta, que por sua vez deriva de *vossa mercê* > vossuncê > *vosmecê* > você; vocês

não se une, não se coloca a flexão correta, não se ver o traço de plural no verbo une, tendo apenas no pronome pessoal vocês, ou seja, P2 realiza uma linguagem culta, porém há uma certa deficiência na parte de flexão.

P1 - "- Ele andô aqui, já foi embora (cochichando) scondido dibaixo da cama..." (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 14).
P2 - "-Ele andou aqui, já foi embora. Escondido debaixo da cama.."
(Rosa, Rosivaldo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011).

P1, "ando" palavra simplificada, ficando apenas uma vogal em vez de ditongo; scondido, a vogal inicial e esta perdida; "dibaixo" há se um abrandamento da vogal "e" para "i".

P2 , demonstra a total modificação da língua pela gramática, chegando a língua culta atual, com flexão e escrita correta.

CHIQUINHA E DOM VARÃO. Dom Varão ia guerrear todo ano, adoeceu, e sua filha, após convencer o pai, veste-se de homem e vai em seu lugar. Em poesia e versos cantados, apresenta as peripécias passadas por Chiquinha, onde a paixão de um enamorado quase a descobre. A presença do maravilhoso está na figura da mula que vigia o sono de Chiquinha. Pressentindo o perigo representado pelo conselho que o apaixonado recebeu de sua mãe: "Oh! Meu filho, leva-o debaixo da fulozeira. Se amanhecer flor na rede é mulher. Se não aparecer é homem". A mula passou a noite soprando as flores que caiam em Chiquinha: "A flor caía e mula soprava". No final da história, Chiquinha foi salva pelo filho. A trama tem como pano de fundo a importância da obediência aos pais e os laços de família, a afetividade e o respeito aos animais.

P1 - "- Oh mio pai, se não dá de í eu vô.
(Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 24).
P2 - "- Oh pai, se não puder ir eu vou.
(Rosa, Paulo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011).

P1 a palavra "mio", traço da linguagem quinhentista, "mio" abrandamento de "meu", "se não dá de í eu vô" modo peculiar da linguagem do falante "se não der de ir" ; "í " houve o abrandamento do verbo, "vô" simplificação da palavra "eu vô" em vez de "eu vou".

P2 transcreve a frase na gramática correta ” Oh pai, se não puder ir eu vou”, traduzindo para a linguagem culta atual.

P1 - “- [...], carço butina, visto porta –seio e vô muntada.” (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 24).

P2 – [...], calço botina, visto porta –seio e vou muntada.” (Rosa, Paulo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011)

P1 “carço” ver se uma sonorização, a palavra é escrita com “ç” para simbolizar o “c” e não a consoante “z”; “butina” ocorre um abrandamento da vogal “o” por “u” ; “vô” ver - se a silaba tônica acentuada sem a semivogal “u”; “muntada” abrandamento da vogal “o” por “u”.

P2 manteve se a palavra “muntada”, demonstrando dessa forma que a palavra continua forte na língua falada da nova geração, mesmo tendo o conhecimento da língua culta.

P1 - “E Doins Varão avisô ela, que s´ela chegasse, ele chamass´ela pra i iscoiiê chita lá qu´ela pudesse pegá o mais feio e deichasse o mais bunito.” (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 26).

P2 - “E Doins Varão avisou ela, que ela chegou. ele chamou ela pra ir escolhe chita lá que ela pudesse pega o mais feio e deixa o mais bonito.” (Rosa, Paulo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011)

Em P1, “avisô ela” ocorre problema da regência, tendo a presença do pronome pessoal reto “ela” que funciona como sujeito, vendo também a falta do objeto “avisou - a”. Na utilização “s’ela” há uma simplificação, perde o final da palavra e junta com outra que por sua vez inicia-se com mesma vogal, dando o sentido de palavra só, o que se pode observar também em “Chamass’ela” e “qu’ela” ; “iscoiiê” ocorre abrandamento; “pegá” abrandamento no final da palavra; “deichasse” segue na linguagem correta, porém a grafia esta incorreta, pois o certo seria “deixasse”. O que se pode observar é que o falante de P1, retrata em uma linguagem da época ou do meio social, em decorrente trecho que quando há um vogal P1 vocaliza passa para ditongo, normalmente passa “o” para “oi”, “e” para “ei” e quando tem “ei” só vocaliza passa de “e” para “ê” de “o” para “ô” , quando tem o ditongo coloca só uma vogal, quando tem a vogal

passa para ditongo, concluindo que há uma forte tendência cultural da linguagem.

P2 não consegue entender o que foi passado na frase da senhora Yáyá, pois reescreve em P2 a frase acima em um tempo hipotético, P1 esta no pretérito imperfeito do subjuntivo e em P2 pretérito imperfeito.

P1 - "- Oh! Meu fio, lev´ele pra ariá vasia. Lev´uma cuié bunita e um gaifo feio, chega lá se ela pegá na cuié é muié, se pegá no gaifo é home." (Graciana, Yáyá/Contenda 1982/Página 28).

P2 - "- Oh! Meu filho, leve ele pra aria vasia. Leve uma culher bonita e um garfo feio, chega la se ela pega na culher é mulher, se pega no garfo homem. (Rosa, Paulo dos Santos/Cavalcante – Vão de Almas 2011)

P1 "fio" sincope do "lh", quando cai a consoante no meio da palavra; "lev'ele" dar um sentido de uma palavra só; "ária" ocorre apócope, porque há a queda da consoante "r" no final da palavra ; "vasia" e "cuié" perde também uma letra"lh" sendo o correto "vasilha" e "colher"; "bunita" vocalização da vogal "o" por "u" ; "gaifo" sonorização da consoante "r".

Beline já havia constatado: "ouso da variante –r em verbos no infinitivo estaria numa relação diretamente proporcional à escolaridade do falante: quanto maior o nível de escolaridade, maior a freqüência de uso da variante". (BELINE, 2002, p.123).

Quando o falante diz "gaifo" em vez de "garfo", demonstra-se neste ponto a tendência fonética do menor esforço, ou melhor dizendo, modificações operadas tendo em vista facilitar as articulações dos fonemas ; "muié" ocorre a síncope.

Para ilustrar o que sejam "apócope" e "vocalização", que observamos nas manifestações lingüísticas dos falantes monte-belenses, trazemos Bortoni-Ricardo, quando argumenta sobre a produção da palavra "MUIÉ": nesta variante de mulher, temos a aplicação de duas regras: a vocalização da consoante lateral palatal /lh/ e a perda do /r/ final. (apócope). (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 58.)

A perda do final das palavras é uma tendência da evolução da língua falada, e está dentro dos parâmetros da língua; o homem tem uma língua padrão e ao passar do tempo vai simplificando a mesma.

P2, em “ária vasia”, manteve as palavras, demonstrando mais um vez que os traços culturais da fala das mesmas não perdeu os laços da força da linguagem dos costumes de povo ou da cultura do meio social representado em P1; “culher”, foneticamente falando, correto P2 ao manter “culher” em vez de “colher”, pois há o hábito na fala de pronunciar a vogal “u” no lugar da vogal “o”, mas gramaticalmente esta incorreto.

A tendência fonética do menor esforço: modificações operadas tendo em vista facilitar as articulções dos fonemas, por exemplo:

Simovocalização: quando é vogal e passa para ditongo:

Vocalização: quando o ditongo passa para vogal:

Metaplasmos por subtração:

Aférese: quando cai a vogal inicial: ex (scondido)

Sincope: quando cai a consoante no meio da palavra: ex (no latim, malu>mau)

Apócope: quando cai o fonema final: ex (home)

Elisão: a queda final da vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal: ex (chamass’ela)